

# humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal*,  
Coimbra, INIC, 1987, 213 pp.

O período áureo da história nacional portuguesa, em que o latim foi instrumento de divulgação da gesta dos Descobrimentos e expressão da mentalidade e dos valores culturais, não poderá ser conhecido em profundidade e na sua verdadeira amplitude sem um estudo aturado de textos históricos ou literários, traduzidos e comentados com o rigor científico do saber filológico.

A análise criteriosa dos conceitos passa pela captação do sentido exacto dos textos latinos de quase todos ignorados, perdidos no acervo bibliográfico de bibliotecas e arquivos do país ou do estrangeiro, em manuscrito, ou em edições raríssimas. A leitura paleográfica ou a decifração de abreviaturas, nos textos impressos, são outras das dificuldades do estudioso do século XVI.

Ninguém melhor do que o Prof. Doutor A. da Costa Ramalho reúne as condições ideais de estudioso desta época. Ao saber filológico das línguas clássicas, na sua realização quinhentista, alia o conhecimento estético-literário e a intuição histórica, que o leva amiúde a penetrar por genealogias complexas, a desfazer erros provocados pelas frequentes homonímias, a repor a verdade, por vezes falseada, já há muitas décadas, e um sem número de vezes repetida.

Esta obra, uma recolha de estudos de temáticas diversificadas, é mais um contributo significativo para a história da cultura portuguesa do séc. XVI, a juntar a vários outros do mesmo autor: *Estudos sobre a época do Renascimento* (1969); *Estudos Camonianos* (21980); *Estudos sobre o Século XVI* (21983); *Latim Renascentista em Portugal* (1985).

Verdadeiros marcos culturais que se impõem aos olhos dos críticos e de um público culto e especializado, estas obras são o resultado da investigação aturada do seu autor, que a ela consagrou longos anos da sua vida.

O prémio Laranjo Coelho, atribuído à presente obra, *Para a história do Humanismo em Portugal*, I, pela Academia Portuguesa de História, de que o Prof. Doutor A. da Costa Ramalho é sócio efectivo, serve de verdadeiro *testimonium* à sua obra e é um preito de homenagem à actividade científica e ao papel pedagógico do grande mestre de Humanidades da Alma Mater Conimbrigensis.

A competência linguística invulgar para ler e analisar obras da nossa literatura quinhentista, aliada ao prazer e entusiasmo que põe em divulgar, com alto nível científico, o conhecimento desta época e em transmitir aos seus discípulos os critérios essenciais a esse conhecimento, estão na origem da já designada «Escola de Latim Renascentista», que criou, e que conta com um número significativo de elementos, com trabalhos publicados neste domínio.

Nos vários artigos, que compõem este livro, coexistem a expressão da *latinitas* dos nossos humanistas, suas capacidades poéticas ou oratórias, a dimensão literária ou retórica das suas obras, posta ao serviço do ideário nacional ou dos valores universais, informações de carácter histórico, biográfico, cultural e ideológico, a revelação de curiosidades etnográficas, antropológicas e científicas dos Descobrimentos.

Todos estes aspectos dão oportunidade de apreciar as preocupações maiores que preenchiam a vida e o coração dos homens do Renascimento. Neste particular,

é o Prof. Costa Ramalho mestre exímio. Através de um pormenor, de uma nota irónica, exprime uma visão tão nítida, uma focagem tão real da vida quotidiana, dos ideais de comportamento e dos valores essenciais desta época, que nos leva a pensar que a conhece tão bem como se fora a sua própria. Não raro se nos afigura o traço quase folhetinesco da descrição, que, sem deixar de ser científico, nos arreda por momentos da especificidade da leitura para nos enquadrar na viveza do cenário.

A abrir o presente trabalho, um estudo que se reporta às origens do humanismo português e envolve dois nomes significativos deste movimento, Cataldo Parisio Sículo e Estêvão Cavaleiro, defensores, nos finais do séc. xv, princípios do xvi, em campos diferentes, na corte e na Universidade, do latim humanístico contra *a barbaries*. O pormenor biográfico-histórico, que faz o enquadramento da querela entre gramáticos e lhe confere cor local, bem como o afloramento de questões religiosas e dos costumes do tempo, tornam este estudo, do ponto de vista da história das ideias, um documento ilustrativo da época.

A curiosidade a nível das espécies botânicas, alimentada pelas viagens atlânticas ou, nos meios humanistas, pelos passeios dados pelos espaços verdes das cidades universitárias, como Coimbra — testemunho não só do interesse pela natureza, como do verdadeiro culto da amizade — reflecte-se no artigo «Santarém é uma sorva». O emprego metafórico do nome deste fruto, *sorbum*, desde Cataldo, Erasmo aos *Ditos portugueses dignos de memória*, revela uma coincidência de motivos na expressão temático-linguística do Humanismo europeu.

Estes dois artigos iniciais bastariam para ajuizar da variedade temática e da vastidão de conhecimentos do seu autor, revelada nos mais ínfimos pormenores.

É no entanto em artigos, como por exemplo «*O Cancioneiro Geral* e Cataldo»; «A Infanta D. Maria e o seu tempo»; «Portugal em dois epigramas de George Buchanan»; «Lúcio, poeta-fantasma e Luís de Camões»; «A elegia do exilado de Miranda», que a erudição e a vasta cultura literária, histórica e ideológica do autor permitem leituras novas, quer através da revelação de aspectos até então passados despercebidos, quer ainda através da clarificação de conceitos erróneos, que levaram reputados estudiosos a conclusões menos justas.

A abordagem filosófico-conceptual e estética do legado ciceroniano, em «Cícero nas orações universitárias do Renascimento», ou o colorido descritivo do retrato da Coimbra Quinhentista, em «Alguns aspectos da vida universitária em Coimbra nos meados do século xvi (1548-1554)», são bem significativos da profundidade com que aborda temas de natureza abstracta ou da realidade concreta, em que Antiguidade e Renascimento se complementam em simbiose perfeita de ideais.

Diogo Pires, um dos mais inspirados poetas latinos da segunda metade do séc. xvi, com reputação europeia, ainda hoje recordado na malograda Jugoslávia, que lhe ergueu uma estátua em Ragusa, actual Dubrovnik — para o qual o Prof. Costa Ramalho foi o primeiro a chamar a atenção, com os seus estudos — merece ser lembrado em «Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista». Do valor temático e formal do poema *De gestis Mendi de Saa* fala-nos em «O Inferno no *De gestis Mendi de Saa* de Anchieta».

Estes dois estudos, de autores tão diversos, um, judeu exilado, outro, apóstolo do Brasil, são bem reveladores da dimensão literária do nosso Humanismo, projectado além fronteiras, desde os centros da Europa culta ao mundo novo.

A terminar a obra, uma última parte, «Notas Breves» que, apesar da humildade do título, integra estudos de grande profundidade de investigação e conhecimento, pelo que são, na sua maioria correcções e comentários a estudos alheios, ou considerações complementares aos próprios trabalhos, ou ainda notas culturais e literárias, cheias de finura e novidade. Por fim, um índice onomástico que facilita o manuseio e utilização de especialistas e leitores curiosos da nossa cultura.

Este livro do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, em edição bem cuidada, veio mostrar mais uma vez a importância e o interesse que tem esta época. Em suma, o muito saber, aliado à visão interpretativa e capacidade de avaliação do seu autor, que nunca deixam de ser extremamente sugestivas, tornam possível um melhor e mais rigoroso conhecimento da nossa literatura novilatina de Quinhentos e da história cultural, que nela se encerra.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

JERRY H. BENTLEY, **Politics and culture in Renaissance Naples**, Princeton, U. Press, 1987, 327 pp.

O fenómeno cultural e político na Itália do Renascimento tem sido privilegiado com trabalhos de reputados autores italianos e estrangeiros como E. Garin, Felix Gilbert, P. O. Kisteller, H. Baron, P. Burke, Ch. Trinkaus, que se tornaram já clássicos e ponto de referência obrigatório.

Apesar disso, o património literário desta época, por ser inesgotável, incentiva novas reflexões, em trabalhos de âmbito geral ou monográfico, que se impõem pelo seu mérito. Está neste caso a obra de J. H. Bentley, que se ocupa do humanismo napolitano e tem por limites temporais o período que vai da conquista do reino por Afonso V de Aragão, ou Afonso I de Nápoles (1435-1442), à anexação da Espanha, com a imposição de um poder directo, através do governo dos vice-reis (1504).

Conhecida é a importância e o significado do movimento humanista italiano, nesta segunda metade do séc. xv, verdadeiro alvorecer dos novos ideais e valores, que irradiam o seu fulgor por toda a Europa, bem como a importância a nível cultural, social e político dos seus principais representantes.

Neste contexto, avulta a política cultural de Afonso de Nápoles, considerado como modelo de governante e de Mecenas por autores como Enea Silvio Piccolomini, o futuro Papa Pio II. Em carta dirigida a Segismundo da Áustria, duque de Tirol, Piccolomini, o primeiro educador humanista da Alemanha, propõe ao Duque como modelo a imitar, entre os diversos príncipes antigos e modernos, o rei Afonso de Nápoles, perito no exercício das armas e no conhecimento das *humanae litterae*, das *artes nobiliores*, de que se torna grande protector.

Pela corte aragonesa passaram ou nela permaneceram grandes figuras das letras europeias, que viveram à sua sombra no desempenho de cargos administrativos, ou como preceptores de príncipes e aristocratas; Diomedea Carafa, Francesco